

As Redes

INTRODUÇÃO

- As redes sempre tiveram um poder de produção de subjetividade e do pensamento.
- **A hierarquização social nos impedia de pensar de forma rizomática.**
- **Com o *inflexionamento* das linguagens provocada pela morte de Deus e com o enfraquecimento do Estado contemporâneo face aos interesses do capital internacional, com a emergência dos dispositivos de comunicação, aparece aqui e ali , uma reciprocidade entre as redes e as subjetividades, como se ao retirar, a hierarquização social deixasse ver não apenas a pluralidade de pensamentos, mas o fato de que pensar é pensar em rede.**
- As redes tornaram-se um paradigma importante no momento em que as tecnologias da informação e da comunicação passaram a exercer um papel estruturante na nova ordem social.

As Redes

Subjetividade - Michel Foucault, rizoma - Deleuze e Guattari, pós-moderno - Lyotard, multitemporalidade - Michel Serres, estética da desapareição - Baudrillard e Virilio, último veículo - Virilio, redes de transformação - Bruno Latour e Michel Callon, heterotopia - Foucault, pantopia - Michel Serres, ideografia dinâmica de Pierre Lévy são um campo social que podem fundar uma verdadeira teoria das novas tecnologias como rede de comunicação biopolítica.

- **Pensar as redes é pensar aquilo que escapa ao pensamento e a representação.**
- **A referência da rede está relacionada à busca por processos de modelagem fractais que apresentam um lado voltado para a construção de modelos que constituem como totalidades das relações imanentes e outro para as singularidades das relações e paisagens irreduzíveis.**
- **Estamos engendrando profundas transformações nos dispositivos de produção de subjetividades.**

Michel Foucault - Subjetividade

- Michel Foucault, um filósofo francês do século XX, explorou diversas áreas do conhecimento, incluindo a análise das estruturas de poder, a natureza do conhecimento e as dinâmicas sociais.
- Para Foucault, a subjetividade não é uma entidade fixa e interiorizada, mas sim um produto das relações de poder, das práticas discursivas e das formas de conhecimento que operam em uma determinada sociedade. Aqui estão alguns elementos centrais do conceito de subjetividade:
- **Subjetividade como Construção Social:** Foucault critica a noção tradicional de que a subjetividade é uma essência interna e estável que define quem somos. Em vez disso, ele argumenta que a subjetividade é construída socialmente por meio de discursos, instituições e práticas de poder que moldam como as pessoas se veem e se comportam.
- **Relações de Poder e Conhecimento:** Foucault enfatiza que as relações de poder e as formas de conhecimento estão entrelaçadas na formação da subjetividade. Instituições como a escola, a família, o governo e os meios de comunicação desempenham papéis significativos na moldagem das identidades individuais e coletivas.

Michel Foucault - Subjetividade

- **Dispositivos de Poder:** Foucault introduz o conceito de "dispositivo" que se refere a um conjunto de elementos, discursos, práticas e instituições que funcionam juntos para exercer poder e produzir conhecimento em uma sociedade. Os dispositivos de poder ajudam a criar categorias de identidade, normalidade e anormalidade.
- **Ética do Cuidado de Si:** Em algumas de suas obras posteriores, Foucault explora a ideia da "ética do cuidado de si", que envolve a autotransformação e a autorreflexão como respostas à influência do poder. Isso implica que, mesmo dentro das estruturas de poder, as pessoas têm alguma agência para moldar suas próprias subjetividades.
- **Arqueologia e Genealogia do Conhecimento:** Foucault desenvolve métodos de análise arqueológica e genealógica para desenterrar os discursos e práticas históricas que moldam as formas de conhecimento e as categorias de subjetividade em diferentes épocas.
- **A subjetividade não é inerente, mas sim uma construção dinâmica moldada pela interação entre o poder e o conhecimento em uma sociedade.**

Deleuze e Guattari - Rizoma

- O conceito de "rizoma" foi introduzido pelos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari em sua obra conjunta intitulada "Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia". O rizoma é uma metáfora que eles usam para descrever uma abordagem alternativa de pensamento e organização que contrasta com a estrutura hierárquica e linear tradicional.
- A ideia de rizoma é inspirada na biologia, especificamente nas características das plantas rizomáticas, como a grama, em que os caules crescem horizontalmente e se ramificam de maneira não hierárquica, criando uma rede interconectada. O rizoma, portanto, é uma estrutura que favorece a multiplicidade, a conexão lateral e a diversidade, em oposição a uma estrutura centralizada e vertical.

Alguns aspectos-chave do conceito de rizoma são:

- **Não Hierarquia:** O rizoma não possui uma hierarquia rígida ou uma estrutura fixa. As conexões entre seus elementos não são determinadas por um centro dominante, mas sim pela capacidade de conexão entre os elementos.
- **Conexões Horizontais:** As conexões no rizoma ocorrem lateralmente, de maneira não linear. Não há um caminho único ou predefinido a seguir, permitindo múltiplas vias de conexão e exploração.

Deleuze e Guattari - Rizoma

- **Multiplicidade e Diversidade:** O rizoma valoriza a multiplicidade e a diversidade de elementos. Não há categorias fixas ou divisões rígidas; em vez disso, os elementos se relacionam de maneira fluida e interconectada.
- **Descentralização:** Não há um ponto central ou origem que controle as conexões no rizoma. Os elementos são igualmente importantes e contribuem para a formação do todo.
- **Afinidades e Afetações:** A relação entre elementos no rizoma é baseada em afinidades e afetações, ou seja, nas maneiras pelas quais os elementos se influenciam mutuamente e criam significado através de suas interações.
- **Cartografia em vez de Estrutura:** Em vez de seguir uma estrutura rígida, o rizoma é como uma cartografia que mapeia as possíveis conexões e trajetórias entre os elementos. Essa abordagem é mais aberta, exploratória e adaptável.
- **O conceito de rizoma busca fornecer uma nova perspectiva sobre como pensar em conhecimento, cultura, sociedade e outras áreas. Deleuze e Guattari o utilizaram para questionar estruturas fixas, sistemas de poder hierárquicos e para enfatizar a importância das conexões laterais, da diversidade e da flexibilidade na compreensão da realidade.**

Lyotard – Pós-modernidade

- Jean-François Lyotard, um filósofo e teórico francês, é conhecido por seu trabalho sobre a pós-modernidade e sua influente obra "A Condição Pós-Moderna". Ele analisa a natureza da sociedade contemporânea e sua transição do modernismo para o que ele chama de "pós-modernidade". Seu conceito de pós-moderno é multifacetado e envolve várias dimensões. Lyotard argumenta que a pós-modernidade é caracterizada por uma mudança nas formas de conhecimento, comunicação, cultura e organização social.

Alguns aspectos-chave do seu conceito de pós-moderno:

- Declínio das Metanarrativas: Lyotard cunhou o termo "metanarrativas" para se referir a grandes sistemas explicativos, como o progresso histórico, a ciência e a emancipação, que dominaram o pensamento moderno.
- Ele argumenta que na pós-modernidade essas metanarrativas perderam sua legitimidade e eficácia, sendo substituídas por uma multiplicidade de pequenas narrativas locais e parciais.
- Descentralização e Diversidade: A pós-modernidade é marcada pela descentralização do poder, da autoridade e das narrativas. A ênfase é colocada na diversidade, na coexistência de múltiplos discursos e na valorização das diferentes perspectivas e culturas.

Lyotard – Pós-modernidade

- **Fragmentação e Heterogeneidade:** Na pós-modernidade, os sistemas coerentes e as estruturas unificadoras são substituídos por uma fragmentação e heterogeneidade de formas de expressão, estilos e modos de pensamento.
- **Ceticismo em Relação à Verdade Universal:** Lyotard enfatiza o ceticismo em relação a qualquer verdade universal ou teoria geral. Ele argumenta que as tentativas de encontrar fundamentos universais para o conhecimento são problemáticas, e a busca por legitimidade deve ser baseada na negociação entre diferentes perspectivas.
- **Papel da Tecnologia e da Comunicação:** A tecnologia e a comunicação desempenham um papel fundamental na pós-modernidade, permitindo a disseminação rápida de informações e a multiplicação de discursos e pontos de vista.
- **Estilo e Performatividade:** Lyotard também enfatiza a importância do estilo, da linguagem e da performatividade na pós-modernidade. A linguagem não é mais vista apenas como um meio neutro de transmitir informações, mas como um local de jogos de significados, ambiguidades e múltiplas interpretações.
- **O conceito de pós-modernidade de Lyotard** está enraizado na crítica à confiança nas metanarrativas, no reconhecimento da multiplicidade de discursos e perspectivas, e na valorização da diversidade e da descentralização do poder e da autoridade. Sua análise busca compreender as mudanças profundas que ocorreram na sociedade, cultura e conhecimento à medida que a modernidade deu lugar a um contexto mais complexo e fragmentado.

Michel Serres - multitemporalidade

- Michel Serres, um filósofo e escritor francês, introduziu o conceito de "multitemporalidade" em seu trabalho para abordar as complexidades das relações temporais na era contemporânea. O termo "multitemporalidade" sugere uma abordagem que vai além da linearidade tradicional do tempo, reconhecendo a coexistência e a interação de diferentes tempos e ritmos em nossas vidas e em nossas sociedades.
- A ideia central da multitemporalidade de Serres é que vivemos em um mundo onde múltiplos tempos se entrelaçam e interagem, muitas vezes em ritmos contrastantes. Isso reflete a natureza cada vez mais interconectada e acelerada das sociedades contemporâneas, onde a comunicação global instantânea e a coexistência de diferentes culturas, tradições e tecnologias resultam em uma colisão de tempos diversos.

Alguns elementos-chave da multitemporalidade de Michel Serres incluem:

- **Coexistência de Diferentes Tempos:** A multitemporalidade reconhece que, em um mundo globalizado e tecnologicamente interconectado, diferentes culturas, tradições e formas de vida coexistem e interagem, cada uma trazendo sua própria concepção do tempo.
- **Aceleração e Mudança Rápida:** A tecnologia e a comunicação modernas levaram a um aumento na velocidade das interações e das mudanças. Essa aceleração contribui para a sensação de que diferentes tempos estão se cruzando e se sobrepondo.

Michel Serres - multitemporalidade

- **Desafios para a Identidade:** A multitemporalidade pode criar tensões entre a tradição e a inovação, entre valores culturais antigos e novas formas de expressão. Isso pode afetar a maneira como as identidades individuais e coletivas são construídas e mantidas.
- **Complexidade das Relações Temporais:** A interação de diferentes tempos pode ser complexa e desafiadora. O confronto de tradições temporais diferentes pode gerar conflitos, mas também pode oferecer oportunidades para a criação de sínteses criativas.
- **Impacto nas Narrativas Históricas:** A multitemporalidade também questiona as narrativas históricas lineares tradicionais. Em vez de seguir uma sequência linear, a história pode ser vista como uma rede de interações complexas e sobreposições temporais.
- **Em resumo, a multitemporalidade de Michel Serres é uma abordagem que reconhece a diversidade e a interação de diferentes tempos em nossa sociedade contemporânea. Ela desafia a concepção tradicional de tempo linear e unidimensional, destacando a complexidade das relações temporais em um mundo cada vez mais globalizado e acelerado.**

Estética da desapareição - Baudrillard

- A "estética da desapareição" é um conceito introduzido pelo sociólogo e filósofo francês Jean Baudrillard em seu livro "A Ilusão de Fim" ("L'illusion de la fin") publicado em 1992. Nesse livro, Baudrillard explora as mudanças na sociedade contemporânea, especialmente no que diz respeito à relação entre realidade, representação e simulacro.
- Para Baudrillard, vivemos em um mundo cada vez mais saturado de imagens, signos e simulacros, onde a fronteira entre realidade e representação está se tornando cada vez mais obscura. A estética da desapareição se refere à ideia de que, em meio a essa profusão de imagens e representações, a própria realidade começa a desaparecer. Em outras palavras, o mundo real é eclipsado pela multiplicidade de representações, simulacros e mediações.

Nesse contexto, a estética da desapareição envolve algumas ideias centrais:

- **Dissolução da Realidade:** Baudrillard argumenta que a crescente proliferação de imagens e simulacros leva a uma dissolução da realidade. As representações começam a dominar nossa percepção do mundo, e a própria noção de uma realidade independente das imagens se torna problemática.

Estética da desapareição - Baudrillard

- **Hiper-realidade:** Baudrillard introduz o conceito de "hiper-realidade", que se refere a uma realidade que é mais real do que a própria realidade, porque é construída a partir de representações e simulacros. A estética da desapareição contribui para essa hiper-realidade, onde as imagens não apenas refletem a realidade, mas a substituem.
- **Desaparecimento do Referente:** A estética da desapareição leva ao que Baudrillard chama de "desaparecimento do referente". Isso significa que as imagens e representações não têm mais uma realidade externa à qual se referem. Elas existem independentemente do que originalmente representavam.
- **Simulacros e Simulação:** Baudrillard argumenta que estamos em uma era de simulação, onde os simulacros (cópias sem um original) substituíram a realidade e a representação. A estética da desapareição é um componente fundamental desse processo, onde a realidade desaparece em meio à proliferação de simulacros.
- **Em resumo,** a estética da desapareição de Baudrillard se refere à ideia de que a realidade está sendo obscurecida e substituída pela multiplicidade de imagens, representações e simulacros na sociedade contemporânea. Esse conceito desafia as noções tradicionais de realidade, representação e verdade, apontando para a complexa interação entre o mundo real e o mundo das imagens.

Virilio – Último veículo

- O termo "último veículo" é uma expressão usada pelo filósofo e teórico cultural francês Paul Virilio para se referir às tecnologias de comunicação e transporte de alta velocidade que, em sua visão, estão se tornando os meios finais de interação e mobilidade humana. Virilio explorou a influência das tecnologias na sociedade contemporânea, particularmente em relação à velocidade e suas implicações.
- O "último veículo" é uma ideia que reflete a preocupação de Virilio com o impacto das tecnologias de alta velocidade na experiência humana e na organização social. Ele acreditava que essas tecnologias estavam transformando nossa percepção do tempo e do espaço, bem como a maneira como nos relacionamos com o mundo e uns com os outros.
- Virilio via o desenvolvimento contínuo de tecnologias de transporte e comunicação de alta velocidade, como aviões a jato, trens de alta velocidade e a internet, como uma tendência inexorável que estava acelerando a vida humana a um ponto em que a distância e o tempo pareciam ser reduzidos quase a nada. Essa redução radical de distância e tempo, na visão de Virilio, trazia consigo consequências complexas e às vezes problemáticas.

Virilio – Último veículo

Ele estava preocupado com questões como:

- **Impacto sobre a Experiência do Espaço e do Tempo:** Virilio argumentava que as tecnologias de alta velocidade estavam causando uma compressão do espaço e do tempo, levando a uma perda da profundidade temporal e espacial em nossas experiências cotidianas.
- **Efeitos na Identidade e na Sociedade:** Ele também levantava preocupações sobre o impacto das tecnologias de alta velocidade na identidade individual e na coesão social. Essas tecnologias poderiam levar a um sentimento de desenraizamento e falta de pertencimento.
- **Riscos e Consequências:** Virilio também discutiu os riscos associados à busca implacável por velocidade e eficiência. Ele estava preocupado com acidentes, catástrofes ecológicas e o potencial para a perda da dimensão ética em um mundo dominado pela corrida pela velocidade.
- **Em suma, o conceito de "último veículo" de Paul Virilio trata das implicações das tecnologias de alta velocidade e como elas estão reconfigurando nossa relação com o tempo, o espaço e a sociedade. Sua análise crítica destaca os desafios e as complexidades que surgem da busca incessante pela velocidade e pela eficiência em um mundo cada vez mais conectado.**

Redes de Transformação – Latour e Callon

- As "redes de transformação" são um conceito desenvolvido pelos sociólogos da ciência Bruno Latour e Michel Callon, frequentemente associados à Teoria do Ator-Rede (ANT - Actor-Network Theory). Esse conceito é usado para compreender como os objetos técnicos e as entidades sociais estão interconectados e colaboram para realizar ações ou produzir resultados em um contexto específico.
- A Teoria do Ator-Rede é uma abordagem que enfatiza a importância das relações entre atores humanos e não humanos (objetos, tecnologias, instituições, etc.) em processos de construção do conhecimento e na formação da sociedade. As redes de transformação são interações complexas entre esses atores.

Aqui estão alguns pontos-chave relacionados às redes de transformação na perspectiva de Latour e Callon:

- **Ator-Rede:** A abordagem da Teoria do Ator-Rede considera tanto atores humanos quanto não humanos como participantes igualmente importantes na formação das redes. Isso significa que as tecnologias, objetos e entidades sociais são tratados como agentes que desempenham papéis ativos na construção da realidade.
- **Transformação:** O termo "transformação" refere-se ao processo pelo qual as redes são formadas, modificadas e mantidas. As redes de transformação são dinâmicas e estão sempre em fluxo, à medida que os atores interagem e colaboram para atingir objetivos específicos.

Redes de Transformação – Latour e Callon

- **Cooperação entre Ativos:** As redes de transformação envolvem a cooperação entre diferentes atores, humanos e não humanos, que contribuem de maneiras específicas para a realização de ações ou a criação de resultados. Cada ator desempenha um papel crucial na rede.
- **Heterogeneidade:** As redes de transformação são heterogêneas, pois envolvem uma variedade de atores com características e agências distintas. Isso inclui a consideração das diferenças entre atores humanos, tecnologias e outras entidades.
- **Contextualização:** As redes de transformação são altamente dependentes do contexto. Elas emergem em situações específicas e podem mudar significativamente em diferentes cenários ou momentos.
- **Estudos de Caso:** A Teoria do Ator-Rede frequentemente emprega estudos de caso para analisar as redes de transformação em ação. Isso envolve mapear as conexões entre os atores e entender como essas conexões influenciam os processos de construção de conhecimento e de tomada de decisão.
- **As redes de transformação para Bruno Latour e Michel Callon,** é um conceito fundamental dentro da Teoria do Ator-Rede, que destaca a importância das interações complexas entre atores humanos e não humanos na formação da realidade e da sociedade. Essa abordagem questiona as distinções rígidas entre sujeito e objeto, humano e não humano, e enfoca as colaborações dinâmicas entre esses atores.

Heterotopia - Foucault

- Heterotopia é um conceito introduzido pelo filósofo e teórico social Michel Foucault. Ele explorou esse conceito em seu ensaio "Outros Espaços" ("Des espaces autres"), que foi publicado em 1967 como parte de uma conferência. O termo "heterotopia" é usado para descrever espaços que têm uma relação especial com outros espaços, desafiando a noção convencional de espaço e explorando suas dimensões simbólicas e culturais.
- As heterotopias são espaços físicos reais, mas também carregam significados simbólicos, culturais e sociais. Elas são espaços que não podem ser facilmente categorizados como parte da ordem habitual das coisas e, como resultado, provocam reflexões sobre a complexidade das relações entre espaço, tempo e sociedade.

Aqui estão alguns elementos-chave das heterotopias de acordo com Foucault:

- **Diversidade de Significados:** As heterotopias podem ter múltiplos significados e funções. Elas não são apenas espaços físicos, mas também têm uma dimensão simbólica que as conecta a outros espaços e a aspectos culturais e sociais.
- **Espaços de Contradição:** As heterotopias muitas vezes carregam elementos de contradição ou de coexistência de diferentes realidades. Elas podem abrigar aspectos opostos ou contrastantes que não se encaixam nas normas cotidianas.

Heterotopia - Foucault

- **Lugares de Experiência:** Foucault argumenta que as heterotopias são "lugares de experiência" onde as pessoas podem vivenciar diferentes modos de existência, muitas vezes em contraposição à rotina da vida diária.
- **Espaços de Reflexão:** As heterotopias provocam reflexões sobre a relação entre espaço, tempo e sociedade. Elas desafiam nossas percepções convencionais e podem levar a uma compreensão mais profunda das complexidades das estruturas sociais e culturais.
- **Exemplos Concretos:** Foucault oferece exemplos de heterotopias, como o cemitério, o jardim, o teatro, o museu e a prisão. Cada um desses espaços tem características especiais que os tornam "outros" em relação ao espaço cotidiano.
- **Em resumo, "heterotopia" é um termo cunhado por Michel Foucault para se referir a espaços físicos que possuem significados simbólicos e culturais especiais, desafiando as noções convencionais de espaço e destacando as complexidades das relações entre espaço, tempo e sociedade. Cada heterotopia é um espaço que carrega um potencial de reflexão e experiência diversa, muitas vezes revelando aspectos ocultos ou contraditórios da realidade.**

Ideografia dinâmica - Lévy

- A "ideografia dinâmica" é um conceito desenvolvido pelo filósofo e teórico da mídia Pierre Lévy em seu trabalho sobre as transformações culturais e cognitivas na era digital. O termo refere-se a uma abordagem que se concentra na representação de ideias e conceitos de maneira visual e interativa, usando tecnologias digitais para criar representações gráficas que possam ser exploradas e manipuladas de forma dinâmica.
- A ideografia dinâmica é parte de uma perspectiva mais ampla que Lévy chama de "cibercultura", que considera as implicações das tecnologias digitais e da internet na cultura, na comunicação e na cognição humana. Ele acredita que a cibercultura está transformando a maneira como pensamos, aprendemos e compartilhamos conhecimento.

Alguns aspectos-chave da ideografia dinâmica de Pierre Lévy incluem:

- **Representação Visual Interativa:** A ideografia dinâmica envolve a representação de ideias e conceitos por meio de elementos visuais, como diagramas, mapas conceituais e outras formas gráficas. Essas representações são interativas, permitindo que os usuários explorem, manipulem e naveguem pelas informações de maneira dinâmica.
- **Visualização de Conhecimento:** A ideografia dinâmica busca facilitar a visualização do conhecimento complexo. Ela ajuda a tornar informações abstratas mais tangíveis e compreensíveis, permitindo que os usuários vejam as conexões entre diferentes ideias.

Ideografia dinâmica - Lévy

- **Aprendizado Colaborativo:** A abordagem ideográfica dinâmica muitas vezes é usada em contextos de aprendizado colaborativo. Ela permite que grupos de pessoas colaborem na construção e exploração de representações visuais de conceitos e ideias.
- **Navegabilidade e Explorabilidade:** A ideografia dinâmica enfatiza a capacidade de navegar livremente pelas representações visuais e explorar as relações entre diferentes elementos. Isso cria uma experiência de aprendizado mais ativa e envolvente.
- **Aprimoramento da Cognição:** Lévy acredita que a ideografia dinâmica pode melhorar a cognição humana, proporcionando uma maneira de externalizar e estruturar o pensamento, bem como facilitar a compreensão de conceitos complexos.
- **Em resumo,** a ideografia dinâmica de Pierre Lévy é uma abordagem que utiliza representações visuais interativas para tornar o conhecimento mais acessível, compreensível e explorável. Ela se encaixa em sua visão mais ampla da cibercultura e das transformações culturais e cognitivas induzidas pela tecnologia digital e pela internet.

As Redes

- Segundo Guattari “... até agora, as novas tecnologias resultaram em um processo de estranha mistura de enriquecimento e empobrecimento, singularização e massificação, desterritorialização e reterritorialização, potencialização e despontecialização da subjetividade em sua dimensão auto-referencial (singularizante, processual, dissensual).

A TECNOLOGIA COMO ACONTECIMENTO MULTITEMPORAL

- Guattari – as subjetividades pré-capitalistas e arcaicas eram engendradas por diversos equipamentos coletivos de modelização das formas de existência.
- Se, por um lado, a subjetividade não se reduz a um ponto de vista (subjetivo), a máquina não se reduz a uma função ou realidade objetiva.
- Se a máquina resulta de um complexo processo de subjetivação, e se a subjetividade é fruto de um agenciamento social múltiplo, não há porque separar a máquina e o homem sob a base da oposição natural/artificial.

As Redes

- **É a primeira vez na história da humanidade que a realidade do aqui e agora se encontra imersa nas tramas de uma temporalidade maquínica , que, a cada dia que passa, vai tornando mais complexo e espesso nosso aqui e agora.**
- **Devemos considerar também a tecnologia como fato cultural multitemporal, ou seja, acontecimentos singulares que remetem ao passado, presente e futuro, formando um mapa dobrável e desdobrável como uma geometria variável.**
- **O desenvolvimento da história da tecnologia se parece muito com as descrições das teorias do caos e do tempo topológico: acontecimentos que parecem afastados estão próximos, ou ao contrário.**
- **Segundo Serres, o tempo funciona como um filtro, que ora faz passar, ora impede a passagem. É desta forma que as tecnologias remetem ao duplo movimento de aceleração e desaceleração, inovação e tradição, desterritorialização e territorialização.**

As Redes

- Se vivemos uma época do homem dividido, do homem sem qualidades é porque operamos cada vez mais como um editor ou montador e nossa memória e cada vez mais uma ilha de edição não linear.

UM INCONSCIENTE INFO-COMUNICACIONAL

- **Guattari chamou a atenção para o fato de que o inconsciente, seja ele freudiano ou lacaniano, nada mais era do que um modo de produção de subjetividade entre outros. Longe de ser apenas algo como uma “faculdade da alma” , ele é inseparável da produção de signos, das instituições e das tecnologias.**
- **O inconsciente é um verdadeiro equipamento coletivo de produção de subjetivação.**
- **Podemos dizer que as diversas técnicas de comunicação e informação formam um inconsciente maquínico que interage e transforma, hoje, os inconscientes econômicos, psicológicos e linguísticos.**

As Redes

- **Século XIX e XX – formas de inconsciente (subjetividades) – inconsciente econômico – Marx, inconsciente psicológico – Freud, inconsciente corporal – Nietzsche, inconsciente lingüístico – Saussure, inconsciente imagético – Bergson.**

DA PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE

- **O sujeito é processual. Não há sujeito mas processo de subjetivação. A subjetivação é o processo pelo qual os indivíduos e a coletividade se constituem como sujeitos. O que resiste é uma força que em vez de afetar e ser afetada por outras forças vai se auto-afetar.**
- **Esta auto-afetação é a dobra, auto-referente, auto-organizadora.**
- **Deleuze descreve a passagem da *sociedade da disciplina* para a *sociedade do controle* como uma mudança que já existia na obra de Foucault.**

As Redes

- O processo de produção de subjetividade-prisão nunca esteve, em Foucault, restrito ao espaço da prisão, nem mesmo em sua forma arquitetônica panóptica.
- **Não precisamos mais dos muros para controlar, uma vez que o controle se faz sobre os fluxos e os movimentos, por interação em rede.**
- **A sociedade não estaria engendrando uma espécie de prisão ainda mais aperfeiçoada do que todas as outras, por intermédio do veículo multimídia do ciberespaço, o computador conectado em rede, capaz de , pela telepresença, produzir uma incrível ubiquidade que nos permite ir em todos os lugares sem sair do lugar.**
- Serres – uma pantopia – todos os lugares em um só lugar e cada lugar em todos os lugares.

As Redes

HETEROTOPIA, PANTOPIA E INÉRCIA POLAR

- **Os veículos móveis e audiovisuais transformam radicalmente as nossas relações com o espaço.**
- **O momento de Inércia sucederá ao deslocamento contínuo no dia em que todos os deslocamentos se concentrarem em um só ponto, em uma imobilidade que não é mais a do não movimento, mas a da ubiquidade potencial, a da mobilidade absoluta que anula seu próprio espaço à força de o tornar tão transparente.**
- **Utopia tecnológica que supõem que as diferenças técnicas e mídias podem se fundir em uma interface única, cada vez mais transparente e que representaria uma convergência de todas as interfaces.**
- **Para Latour – os fenômenos circulam através do conjunto que compõem as redes, e é unicamente sua circulação que nos permite verificá-los, assegurá-los e validá-los.**

As Redes

- **Para Foucault – vivemos uma era obcecada pelo espaço: vivemos a época do simultâneo, da justaposição, do próximo, e do longínquo, do espaço das relações de vizinhanças e das conexões.**
- **Foucault concebe três tipos de espaço: Na Idade Média o espaço de localização que era um conjunto de lugares da hierarquização, o espaço concebido por Galileu que é um espaço infinitamente aberto, ou seja, o lugar das coisas são apenas pontos em movimento e o de hoje, o espaço torna-se topológico, passa a ser definido pelas relações de vizinhança entre os pontos e elementos, e forma série, tramas, grafos, diagramas, redes.**

DA IMAGEM FRACTAL À IDEOGRAFIA DINÂMICA

- **Para Serre existe dois tipos de ciências que se distinguem ponto a ponto e cujos modelos são a geometria e a geografia. A primeira é a ciência do geral, a segunda do particular. Uma privilegia o esquema a outra a cópia do real.**

As Redes

- **A imagem fractal é fruto de uma nova ciência, em que o modelo e a imagem, o inteligível e o sensível se unem para fabricar uma nova fenomenologia científica, gerada por um algoritmo, uma verdadeira matemática.**
- **Entramos no campo da experiência do possível e do virtual.**
- **A simulação é um verdadeiro instrumento do pensamento científico, completamente diferente da lógica e das narrativas. Os sistemas de simulação e visualização, que Lévy chama de ideografia dinâmica.**
- **É impossível exercermos nossa inteligência independente dos sistemas semióticos lógicos – línguas, linguagens, e sistemas de signos e notações, bem como dos meios – fala, escrita, livro, fotografia, cinema, multimídia, redes telemáticas e dos instrumentos formais – narrativas. Lógicas, e ideografias dinâmicas que herdamos culturalmente.**

As Redes

REDES DE TRANSFORMAÇÃO

- **As tecnologias da informação e comunicação podem ser entendidas como tecnologias da inteligência, menos por projetar ou exteriorizar a riqueza e as complexidades dos nossos processos cognitivos, mas também dos objetos, suportes e dispositivos e tecnologias que nos circundam e compõem uma rede sociotécnica de grande complexidade.**
- **A informação estabelece uma interação material entre o centro e a periferia.**
- **A rede é, portanto, a imobilidade necessária para recolher o que deve nela transitar. Consideremos a topologia especial destas redes. Redes de transformação fazem chegar aos centros de cálculos, por uma série de deslocamentos, um número cada vez maior de informações.**

As Redes

DO RIZOMA À AUTOPOIESIS

- Para Latour - os híbridos emergem da rede como intermediários entre os elementos heterogêneos, objetivos e subjetivos, sociais e tecnológicos, saberes e coisas, inteligências e interesses, em que as matérias e as subjetividades são trabalhadas, forjadas, fundidas, sem o controle dos métodos ditos objetivos da ciência.
- O conceito de rizoma criado por Deleuze a partir da concepção que Barthes tinha no livro, e foi utilizado por Lévy como um novo paradigma para entender as redes hipertextuais e as interfaces dinâmicas computacionais.
- Barthes e o hipertexto - a rede não tem unidade orgânica; nela abundam muitas redes que atuam sem que nenhuma delas se imponha às demais; ela é uma espécie de galáxia mutante, com diversas vias de acesso, sem que nenhuma delas possa ser qualificada como principal; os códigos que mobilizam se estendem até onde a vista alcança, são indetermináveis.

As Redes

- O sujeito é um sistema autopoietico e, como todo sistema autopoietico definido por Varela e Maturana, ele se organiza como uma rede auto-referente, que regenera continuamente por suas interações e transformação a rede que produziu, e se constitui como sistema ou unidade concreta no espaço em que existe, especificado o domínio topológico no qual existe como rede. A subjetividade é, como a cognição, o advento, a emergência (enação) de um afeto e de um mundo a partir de suas ações no mundo.
- As “capacidades” que co-emergem com o indivíduo em um processo de auto-engendramento não podem se vinculadas apenas a seu cérebro, mas a seu corpo, que ultrapassa de longe o seu invólucro corporal e se estende até onde se estendem suas redes sociotécnicas, seus hábitos, seus apegos.

As Redes

DA COMUNICAÇÃO À BIOPOLÍTICA

- **Biopolítico** foi o termo forjado por Foucault para designar uma das modalidades do exercício do poder sobre a população enquanto massa global. Um grupo de teóricos, dentre eles Negri e Lazzarato, propôs uma pequena inversão conceitual. Com ela, a biopolítica deixa de ser a perspectiva do poder sobre o corpo da população e suas condições de reprodução, sua vida.
- A vida deixa de ser reduzida à sua definição biológica para se tornar cada vez mais uma virtualidade molecular da multidão, energia a-orgânica, corpo-sem-órgãos. O bios é redefinido intensivamente, no interior das máquinas semióticas, moleculares e coletivas, afetivas e econômicas, aquém das divisões paralisantes: humano/inumano, biológico/mecânico individual/coletivo.
- Todos, trabalhadores e não-trabalhadores, participam do sistema produtivo pelo simples fato de contribuírem para a produção de afeto e subjetividade.
- O trabalho se tornava cada vez mais produção de subjetividade, conjunto plural de capacidades produtivas, de capacidade de cooperação, de desejos e de afetos.

As Redes

MATRIX, OU A REGRESSÃO DA SUBJETIVIDADE

- **Examinaremos rapidamente as idéias de alguns autores para os quais as tecnologias avançadas estariam levando a um processo de regressão da subjetividade e das relações sociais.**
- **Se cada veículo produz uma nova relação com o espaço - o espaço que se estende diante de nós não é o mesmo se dispormos de um cavalo, um carro, ou um avião - , por que não aceitar as diferenças produzidas pelo novo veículo do ciberespaço? Longe de anular o espaço, as tecnologias produzem outras formas de espacialidade ou heterotopias.**
- **Baudrillard, seguindo o mesmo tema da anulação e da aniquilação, teme que o processo de virtualização dos signos leve a uma estética da desapareição do real, uma vez que na era do simulacro as imagens de tornam auto-referentes (sem referente social exterior) e o real se torna apenas uma miragem produzida pelo simulacro.**

As Redes

- Lyotard teme que a informação, cujas mensagens devem ser todas codificadas em linguagem de máquinas, transforme o saber em pura mercadoria para circular em suas redes de reprodução do capital. ... a crise gerada pelas novas tecnologias diz respeito às condições do espaço e do tempo, com suas duas expressões: “*moderna*, só nos resta o espaço e o tempo e *pós-moderna*, não nos resta nem mesmo o espaço e o tempo”.
- Lyotard, Virilio e Baudrillard não perceberam que as tecnologias de informação e comunicação constituem um novo espaço de lutas entre outros. Um espaço ainda mais importantes, porque se tornou uma nova dimensão do sistema produtivo, e a este respeito não tem outro limite senão a finitude de nossos desejos.